



Doentes e sem assistência, os mendigos vivem da solidariedade

## Mendigos sobrevivem com álcool e solidariedade

O álcool e a solidariedade têm ajudado os mendigos que vivem nas ruas de Vitória a sobreviver. Na falta de programas de assistência social, os mendigos recorrem a esmolas, que em alguns casos podem render até um salário mínimo por mês (Cr\$ 42 mil).

De acordo com a Prefeitura de Vitória, há no município pelo menos 36 mendigos espalhados pelo centro da cidade, entre a região da avenida Princesa Isabel e a Vila Rubim.

Com histórias de vida anterior à mendicância bem diferentes umas das outras, os mendigos têm vários pontos em comum. A principal semelhança é que a maioria toma algum tipo de bebida alcoólica todos os dias.

Zélio Francisco de Jesus, de 39 anos, um rapaz paraplético que vive nas ruas de Vitória desde os 19 anos, quando sofreu um acidente enquanto trabalhava como pedreiro, afirmou que não é todo dia que recebe alguma esmola. Ele disse, no entanto, que mensalmente consegue obter até um salário mínimo.

Apesar da paralisia, Zélio ainda pode ser considerado um privilegiado entre os miseráveis, pois após a sua rotina nas ruas, às 17h30, sempre acaba voltando para casa, onde mora com a irmã no bairro Bela Aurora, em Cariacica.

### HISTÓRIAS

De acordo com um levantamento feito

pela Secretaria de Ação Social da prefeitura, 26 dos 36 mendigos que vivem pela cidade fazem das ruas o seu local de residência. Alguns deles contam histórias de fartura no passado.

Pedro Ayni, 28 anos, é um deles. Ele dorme todos os dias perto do Teatro Carlos Gomes, na Praça Costa Pereira, e pede esmolas há oito meses. Pedro contou que teve um passado próspero.

“Eu tinha oito empregados numa firma de cobrança de cheques sem fundo, além de um carro à minha disposição. Mas fali e tive que recorrer a esmolas para sobreviver”, comentou ele.

Idália Bautz, 61 anos, nascida em Domingos Martins e que já trabalhou como doméstica em várias residências, está pelas ruas de Vitória desde 1987, quando perdeu a mãe: “Eu me desgostei depois que ela morreu e parti para essa vida”.

Já Genilson Ramos Batista, 39 anos, pede esmolas pelas ruas desde a infância. Ele relatou que começou a viver nas ruas depois que os seus tios, com quem morava em Porto de Santana, Cariacica, resolveram ir embora para Aracruz: “Eu não quis ir e fiquei por aqui”.

Segundo a secretária municipal de Ação Social, Maria Nazareth Motta Liberato, não há projetos para retirar os mendigos das ruas. A secretária disse que a prefeitura está iniciando estudos na tentativa atender esses casos junto à Secretaria do Estado de Justiça e de Cidadania.